

**Novos conteúdos da pobreza urbana no Brasil:
o circuito inferior no período da globalização**

Introdução

No período da globalização, as grandes cidades brasileiras sediam crescentemente atividades modernas ligadas à divisão social do trabalho que acompanha o mundo das informações e das finanças. Contudo, multiplicam-se nestas cidades também as formas de trabalho realizadas com capitais reduzidos, dependentes dos próprios conteúdos dos lugares onde estão inseridas. Desse modo, as cidades abrigam diferentes divisões do trabalho que coexistem e que estabelecem, por sua vez, relações diferenciadas com seu meio construído. Estas divisões do trabalho coexistentes podem ser analisadas como circuitos da economia urbana (SANTOS, 1975) que se distinguem em função dos diversos graus de tecnologia, capital e organização assumidos pelas atividades urbanas. Quando estes são altos, trata-se do circuito superior, incluindo sua porção marginal; quando são baixos, trata-se do circuito inferior. O circuito superior engloba as atividades econômicas que constituem o resultado direto das modernizações que atingem o território; o circuito inferior, por sua vez, pode ser compreendido como as formas de trabalho urbanas assumidas pela pobreza nas cidades dos países subdesenvolvidos.

Ao mesmo passo em que o território brasileiro se transforma cada vez mais em uma arena de produções modernas e globalizadas, abrigando um denso circuito superior, este não deixa de estar acompanhado de um profuso circuito inferior também em expansão (SILVEIRA, 2007a). Ademais, enquanto o circuito superior afirma crescentemente seu caráter poupador de mão-de-obra, o circuito inferior em suas diferentes formas de organização (micro e pequenas empresas pouco capitalizadas, prestadores de pequenos serviços, pequenos comércios, vendedores ambulantes, “catadores” etc) vem se constituindo, cada vez mais, como o abrigo e o fornecedor de ocupação e renda para grande parte da população pobre metropolitana brasileira.

Cabe, portanto, buscar desvendar os processos que permeiam esse circuito para ampliarmos nosso conhecimento geográfico a respeito de como vive grande parte da população urbana no território brasileiro no período atual.

Diante do objetivo maior de nossa pesquisa de doutorado, atualmente em curso, de contribuir com a atualização da teoria dos circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos elaborada por Milton Santos na década de 1970 (SANTOS, 1975); teceremos a seguir algumas reflexões a respeito das transformações pelas quais vem passando o circuito inferior no período atual. Buscaremos identificar igualmente certas

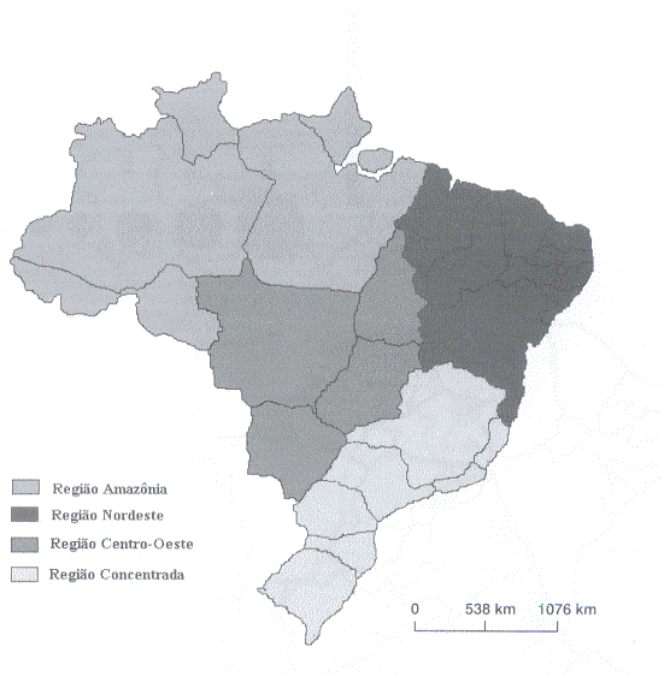
¹ Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Doutoranda em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

especificidades que definem o circuito inferior em uma metrópole de cada região do território brasileiro.

A difusão diferencial da modernização no território brasileiro e seus resultados indiretos

Na busca de compreender como o circuito inferior se manifesta nas diferentes regiões do país, selecionamos as cidades de São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém como nossos objetos de estudo. Elegemos as mesmas com o intuito de analisar este circuito em uma metrópole representativa de cada região do país, conforme a regionalização do território brasileiro proposta por Santos e Silveira (2001, p.268), segundo a qual o Brasil seria composto pelas seguintes regiões: Região Concentrada (formada pelo Sudeste e pelo Sul), Nordeste, Centro-Oeste e Amazônia.

Mapa 1. Meio técnico-científico informacional e as regiões do Brasil



Fonte: Santos e Silveira, 2001, p.LXIV.

Essa divisão regional do Brasil baseia-se tanto nas heranças do passado, como na difusão diferencial do meio técnico-científico-informacional, ou seja, na chegada diferencial das modernizações características do período da globalização em cada região. Pois se o território brasileiro se torna cada vez mais moderno no período atual, haja vista a intensa presença de empresas transnacionais e sua crescente participação em circuitos globais (SASSEN, 2007), essa modernização não se dá de forma homogênea pelo território. Apresenta-se, pelo contrário, de forma desigual segundo cada região. Por conseguinte, essas modernizações produzem também resultados indiretos distintos, daí as especificidades do circuito inferior de cada região, ou melhor, de cada lugar.

Na Região Concentrada, o meio técnico-científico-informacional vem se instalando sobre um meio já altamente tecnificado. Os dados da ciência, da técnica e da informação se implantam aí de forma mais consolidada e se difundem pela região de

modo mais contínuo, ainda que a parcela política das atividades mais modernas siga concentrada em São Paulo.

Na região Centro-Oeste, a chegada de um meio técnico-científico-informacional tem se dado em um meio praticamente pré-técnico, no qual os novos dados constitutivos do período se instalam com facilidade e rapidez, criando um espaço inteiramente novo (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p.271). As variáveis do período não se difundem aí de forma relativamente homogênea como na Região Concentrada, se fazendo presentes sobretudo nas maiores cidades e no campo modernizado que recebe uma infra-estrutura nova a serviço da economia moderna.

Já no Nordeste, a influência das variáveis da globalização e a instalação de um meio técnico-científico-informacional se dão de forma mais localizada, em determinadas “manchas” da região. A intensificação do turismo aparece como um vetor importante da modernização recente que vem impor novas lógicas às atividades urbanas (DANTAS, 2007). Por outro lado, estruturas sociais arcaicas dificultam as mudanças sociais e econômicas, retardando a evolução técnica e mantendo na pobreza milhões de pessoas (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p.276).

Na Amazônia, por fim, temos um meio técnico-científico-informacional que se instala de forma pontual no território, especialmente nas áreas de agricultura moderna e nas chamadas “cidades-cogumelo” (LAVEDAN, 1936). Nesses pontos, forma-se um espaço globalizado para os agentes hegemônicos, através da instalação de satélites, radares, sistemas de informações e de uma infra-estrutura de aviação (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p.273). Esses sistemas de movimentos rápidos convivem com os tempos lentos que predominam na região, ou seja, com o tempo das atividades tradicionais e das pequenas embarcações.

Verifica-se, destarte, como os dados do período da globalização se instalam nos lugares de formas distintas, com intensidade variável e através de diferentes nexos (SILVEIRA, 2006). Não obstante, independente de uma maior ou menor participação na “racionalidade do mundo”, temos sempre a reprodução de outras racionalidades, daquelas que não compreendem resultados diretos da modernização. Daí a esquizofrenia do território e dos lugares, pois “(...) de um lado acolhem os vetores da globalização, que nele se instalam para impor sua nova ordem e, de outro lado, neles se produz uma contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres (...)” (SANTOS, 2000, p.114). Vale ressaltar, aliás, que a aceleração do processo de modernização do território nacional, na última década, coincidiu com o aumento na participação de domicílios pobres em todas as suas metrópoles, sobretudo em São Paulo e Belém (IBGE, PNAD, 1995, 2006).

A forma como o meio técnico-científico-informacional alcança as regiões é diferencialmente produtora de pobreza e provoca, por sua vez, uma adaptação, uma reformulação diferenciada do circuito inferior segundo a região e a cidade. Daí nossa preocupação em apreender as particularidades dos circuitos inferiores presentes em diferentes metrópoles do país, ou seja, em mostrar as “caras regionais” do circuito inferior no território brasileiro no período da globalização.

Pensando a relação do circuito inferior com as variáveis-chave da globalização a partir de situações geográficas

Por meio da análise de determinadas situações geográficas (SILVEIRA, 1999) consideradas reveladoras nas cidades de São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém, buscamos apreender elementos significativos para desvendar as dinâmicas da globalização que perpassam o circuito inferior metropolitano atualmente nas diferentes

regiões do território brasileiro. Nesse sentido, a situação geográfica, tal como proposta por Silveira (1999), nos aparece como um instrumento metodológico basilar.

“Nó de verticalidades e horizontalidades, a situação não é apenas um pedaço do território, uma área contínua, mas também um conjunto de relações. É uma combinação que envolve, de um lado, fragmentos e solidariedades vizinhos porque constituída de pedaços contíguos de sistemas de objetos e das ações emanadas de um trabalho comum e, de outro, vinculações materiais e organizacionais longínquas e mais ou menos alheias ao lugar, como as redes e as formas de consumo e produção globalizadas” (SILVEIRA, 1999, p.27).

Podemos reconhecer no circuito superior dos dias de hoje os próprios motores da mais nova divisão territorial do trabalho que se pauta sobre conteúdos intensivos em técnica, ciência, informação e finanças, ou seja, sobre as variáveis determinantes da globalização. No período atual essas mesmas variáveis tornam-se também dominantes (SILVEIRA, 2007b), na medida em que atingem e remodelam as demais divisões territoriais do trabalho. Ainda que essa incorporação se dê com diferentes intensidades segundo os lugares e as situações geográficas.

Constata-se hoje, com efeito, a crescente permeabilidade das variáveis chave do período – a técnica, o consumo, a informação, a publicidade e as finanças – entre os agentes do circuito inferior. Embora não possuam o domínio dessas variáveis, os pobres não deixam de utilizá-las e de participar dos processos que definem o período atual (MONTENEGRO, 2006).

Coloca-se assim o desafio de apreender como vem se dando essa incorporação das variáveis determinantes do período pelos agentes não hegemônicos, em suas mais diversas manifestações, nos diferentes lugares. Nesse sentido, teceremos a seguir algumas reflexões sobre situações geográficas que indicam esse processo nas metrópoles de São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém.

Embora São Paulo se consolide cada vez mais como a metrópole econômica do país, seu contingente de pobres e as múltiplas formas de trabalho realizadas por eles não deixam de se multiplicar. Os dados da ciência, da técnica e da informação se encontram extremamente concentrados em São Paulo. Por conseguinte, o circuito inferior na cidade, que também aparece como resultado indireto dessa modernização que se instala com a globalização, estabelece um maior número de relações com as variáveis-chave do período atual, ou seja, seu funcionamento encontra-se relativamente mais permeado pelas mesmas.

A enorme diversidade de tipos de trabalho realizados com baixos níveis de capital, organização e tecnologia encontra-se localizada tanto em suas áreas centrais quanto em sua periferia, como nos revelam respectivamente os bairros de Santa Ifigênia e Guarapiranga

No centro da cidade, a região em torno da Rua Santa Ifigênia compreende uma área de especialização especialmente reveladora das formas de participação, adaptação e criatividade do circuito inferior frente à modernização tecnológica e informacional característica da globalização na cidade de São Paulo. Referência no comércio e serviços de eletro-eletrônicos, a Santa Ifigênia abriga empresas de diferentes portes e dos mais variados níveis de capitalização. As empresas menos capitalizadas do circuito inferior realizam diversas tarefas relacionadas a essa especialização, concentrando-se sobretudo nos consertos e reparos, no comércio de artigos chamados “no estado” (quebrados) e de “segunda-mão” e na oferta de pequenos serviços relacionados aos artigos de informática, telefonia, televisão, fotografia, vídeo e música. É interessante ressaltar como a especialização que caracteriza essa área também se estende aos

vendedores ambulantes que aí trabalham vendendo artigos como *softwares* e *games* “piratas”, DVDs, CDs, *pen drives*, carregadores de celulares, baterias etc.

A penetração das técnicas da informação no circuito inferior, ora como instrumento de trabalho ora como objeto de consumo, é revelada especialmente nessa área da cidade. A criatividade oriunda do contato com as mesmas produz não apenas novos usos, mas também novas tarefas, alargando a divisão social do trabalho neste circuito, haja vista, por exemplo, o serviço de recarga de cartuchos de impressora aí oferecido. Esta tarefa realizada de forma quase artesanal, na qual a tinta é reinjetada ao cartucho vazio com uma seringa, constitui um exemplo das diferentes finalidades que o acesso combinado às técnicas antigas e mais modernas origina entre os atores não-hegemônicos. Revela-se aí como estes objetos podem incorporar outros usos, conformando assim verdadeiras técnicas doces (GAUDIN, 1978; SANTOS, 1996).

Outro dado novo que permeia o circuito inferior identificado nesta área do centro da cidade compreende a crescente participação deste circuito em circuitos espaciais de produção mais amplos (SANTOS e SILVEIRA, 2001); conforme nos revela a origem dos insumos ou artigos comercializados pelos pequenos estabelecimentos: Manaus, China e Taiwan aparecem entre as principais procedências. Daí podemos afirmar que o trabalho no circuito inferior hoje não se restringe mais aos artigos produzidos ou comprados localmente, posto que, no período atual, muitos dos insumos e das mercadorias, e mesmo das matérias-primas, com os quais trabalha provêm dos lugares os mais diversos, inclusive do exterior, tanto no âmbito dos serviços como no comércio. Se por um lado, tal processo envolve a participação do circuito inferior em circuitos espaciais de produção mais amplos do que no período anterior; por outro lado, implica também um estreitamento de sua articulação com o próprio circuito superior. Renovam-se assim, no período da globalização, as relações entre os circuitos, renovam-se ao mesmo passo, as formas de dependência do circuito inferior face ao circuito superior.

Já na periferia da cidade, encontramos situações reveladoras da importância da contigüidade para a economia pobre. Guarapiranga, bairro periférico da zona sul da cidade, abriga um universo extremamente variado de tipos de trabalho pertencentes ao circuito inferior. Conserto de eletrodomésticos, oficinas mecânicas, bicicletarias, pequenos salões de cabeleireiro, fabricação caseira de refeições e de produtos de limpeza, sapateiros, pequenas gráficas, *lanhouses*, locadoras de vídeo são algumas das atividades aí realizadas com conteúdos escassos de tecnologia e capital. A maior parte dos insumos e dos artigos comercializados pelo circuito inferior do bairro provem de Santo Amaro, centralidade popular mais próxima, ou do centro da cidade, revelando-nos como, por outro lado, mesmo na maior metrópole do país, a pequena economia ainda pode se completar apenas na escala da cidade ou no âmbito do próprio bairro.

Grande metrópole do Centro-Oeste, Brasília – entendida aqui como o Distrito Federal urbano (Plano Piloto e cidades satélites) – moderniza seu setor de serviços e se afirma como “metrópole quartenária” (PAVIANI, 1989) que passa atualmente por um processo acelerado de crescimento demográfico e territorial (PAVIANI, 2003). Esse crescimento vem implicando, por sua vez, o aprofundamento das desigualdades entre um Plano Piloto elitizado e concentrador da maior parte dos postos de trabalho e suas cidades satélites, onde se concentram bairros pobres, favelas desequipadas e um profuso circuito inferior.

O circuito inferior em Brasília deve conseguir se inserir nos interstícios dos ramos de atividades controlados pelas grandes empresas e nas brechas de uma

normatização extremamente rigorosa. No Plano Piloto, por exemplo, há diversos agentes do circuito inferior, como afiadores e sorveteiros, circulando pelas ruas, uma vez que a rigidez do uso do solo da cidade não lhes permite a fixação em um determinado local. Nos fundos dos prédios que abrigam os ministérios, há uma grande concentração de carroças de catadores de material reciclável. Nas praças, calçadas e canteiros entre as quadras, encontramos também mecânicos, vendedores de água de coco, bancas de jornal, pequenos quiosques de chaveiros etc.

Contudo, o local de maior concentração de agentes do circuito inferior do Plano Piloto é a sua rodoviária. Considerada por alguns autores (VESENTINI,1986) como o centro de Brasília, constitui o maior terminal de ônibus, ou ainda, o principal ponto de confluência do transporte público da cidade. O movimento na rodoviária é extremamente intenso, haja vista a enorme quantidade de pessoas que vêm diariamente das cidades satélites e do entorno do Distrito Federal para trabalhar no Plano Piloto. Este fluxo é acrescido ainda dos usuários do metrô, uma vez que o terminal rodoviário conecta-se com a estação central do sistema metroviário de Brasília. A circulação estimada na rodoviária é de mais 400.000 pessoas por dia. Esse enorme fluxo permite e, ao mesmo tempo, origina a concentração de uma grande diversidade de atividades do circuito inferior. Aí encontramos combinadas atividades que agregam o novo que passa a permear este circuito no período atual, como os serviços de desbloqueio de celular, às atividades típicas da economia pobre, como sapateiros e engraxates. A diversidade de atividades do circuito inferior na plataforma rodoviária de Brasília envolve ainda a comercialização de frutas, roupas, bolsas, bijuterias, CDs e DVDs, relógios, óculos, artigos para celulares, calculadoras, revelação de fotos, plastificação de documentos, conserto de telefones celulares, chaveiro, costura, lanchonetes e a curiosa compra de cartões telefônicos usados por R\$ 0,01, dentre outras.

Ceilândia, maior cidade satélite do Distrito Federal, também abriga um circuito inferior bastante diversificado. Na cidade concentra-se grande parte da população de baixa renda de Brasília; de seus 330.000 habitantes, que representam 16% da população urbana do Distrito Federal, 1/3 encontra-se desempregado. A maior parte dos empregos continua concentrada no Plano Piloto, daí o aparecimento de diversas atividades que permitem a obtenção de alguma renda, ainda que mínima, aos seus habitantes.

A presença de pequenos estabelecimentos do circuito inferior nas ruas de Ceilândia é, de fato, bastante intensa: oficinas mecânicas, bicicletarias, vendinhas, *lanhousers*, conserto e desbloqueio de telefones celulares, conserto de eletrodomésticos, reciclagem, confecção de placas e faixas, pequenas gráficas são alguns exemplos. Essas duas últimas atividades nos remetem, em especial, a outro fenômeno revelador da dinâmica do circuito inferior no período atual: os gastos com a publicidade deixam de ser nulos nos dias de hoje. Nas grandes cidades do país, a publicidade passa a permear progressivamente a economia pobre, mesmo que sob formas extremamente simples como cartões de visita, faixas, *banners*, pequenos anúncios, cartazes, placas etc. Muitas vezes essas formas de propaganda são criadas pelos próprios pequenos estabelecimentos, em outros casos são produzidas em conjunto com gráficas. Ademais, aquilo que aparece como propaganda para certos atores compreende trabalho para outros, ou seja, atualmente multiplicam-se as atividades relacionadas à publicidade. Acreditamos que é justamente nesse meio que reside um dos focos de criação de novas atividades que passam a compor o circuito inferior e o circuito superior marginal no período atual (MONTENEGRO, 2006).

Em Ceilândia encontramos ainda diversas pequenas atividades realizadas em residências, ou seja, pertencentes ao circuito inferior residencial, como pequenos serviços de costura, preparo de bolos, doces e salgados sob encomenda e até mesmo

uma pequena *lanhouse* montada na garagem de uma casa. Este exemplo nos revela como a incorporação de objetos técnicos emblemáticos da globalização, como o computador, permite não só o aparecimento de outros usos, mas também de novas atividades que passam a participar do circuito inferior no período atual.

Fortaleza, por sua vez, é considerada atualmente como a mais moderna das capitais nordestinas, haja vista o fortalecimento de seu papel de centro comercial regional, a crescente importância do turismo e a sofisticação do seu setor de serviços (DAMASCENO, 2000). A cidade figura, ao mesmo tempo, dentre aquelas que apresentam as piores condições de vida para seus habitantes, onde o acesso aos equipamentos urbanos e aos serviços básicos é bastante precário frente aos índices brasileiros. Sua População Economicamente Ativa é composta em grande medida por uma população pobre que trabalha em micro e pequenas empresas que não empregam tecnologias sofisticadas (LIMA e GUILHOTO, 2004).

Fortaleza tem passado nos últimos anos por uma série de transformações derivadas da intensificação da atividade do turismo não só na cidade, mas no litoral do Estado do Ceará de modo geral. Segundo Dantas (2007), o turismo se consolidou efetivamente como a diretriz de modernização do Ceará nas últimas décadas.

A intensificação do turismo, inclusive de caráter internacional implica uma crescente oferta de bens e serviços sofisticados, ou seja, uma maior modernização do circuito superior da economia. Acreditamos que daí decorre, por conseguinte, uma ampliação da distância entre os graus de capitalização e organização das atividades dos dois circuitos da economia urbana. Não obstante, o circuito inferior também participa de forma ativa, e como resultado indireto, desta modernização recente de Fortaleza, especialmente através do pequeno comércio voltado aos turistas.

Contudo, na medida em que devem se adequar às demandas de consumidores “globalizados”, os artigos locais ou regionais tendem a ceder espaço aqueles passíveis de serem encontrados nas grandes cidades turísticas. Contrapõe-se como resistência, por outro lado, a importância de seus artesanatos locais enquanto atrativo para o turista. No entanto, mesmo o artesanato tende a passar atualmente por um processo de racionalização de sua produção e de sua circulação, dando lugar ao fenômeno do chamado “industrialato”. A venda de produtos que devem ser constantemente adequados às demandas de consumidores e turistas “globalizados”, combinada à venda de artigos típicos do artesanato cearense evidencia o papel de elo que o turismo exerce na relação entre os dois circuitos; uma vez que estes são definidos tanto pelas atividades que os compõem como pela população que neles trabalha e consome (SANTOS, 1978).

Esse processo pode ser entrevisto especialmente na feira de artesanato e artigos regionais da Av. Beira Mar de Fortaleza, localizada na principal avenida turística da cidade. A chamada “feirinha” configura um local que nos permite analisar como uma atividade dita “tradicional”, como o artesanato, se atualiza conforme as vagas de modernização. Os principais artigos aí comercializados são comidas e bebidas típicas do Ceará (castanha de caju, doce de caju, cocadas, rapaduras, pimentas, pingas, tapiocas etc), redes, toalhas de mesa, artesanatos diversos, quadros em madeira, pinturas, cerâmica, além de roupas, biquínis, bijuterias e calçados.

Em meio aos artigos vendidos na feirinha, nota-se que, no caso do vestuário, enquanto algumas peças parecem ainda ser fabricadas artesanalmente (camisas de renda, renascença, filé etc), outras são totalmente industrializadas (camisas de lembrança de Fortaleza, confecções semelhantes às encontradas em outros mercados populares de outras cidades). Situação similar verifica-se na venda da roupa de mesa:

toalhas e caminhos de mesa vão dos mais artesanais (de renascença ou fibra de coco) aos mais industrializados. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ainda aos artesanatos, calçados e bijuterias e até mesmo aos *souvenirs*, que parecem variar quanto ao grau de homogeneização dos artigos oferecidos, dos mais artesanais produzidos pelo circuito inferior aos mais industrializados e banalizados.

Dentre os elementos considerados reveladores da incorporação das variáveis da globalização pelos agentes do circuito inferior, destaca-se aí também a capilarização recente das finanças na economia pobre. Não só na feirinha de artesanato de Fortaleza, mas em diversos pequenos negócios do circuito inferior analisados nas metrópoles brasileiras, a diversidade das formas de pagamento oferecidas aos clientes é um dado bastante novo, representado especialmente pela difusão das máquinas para pagamento com cartões de crédito e de débito. Esse processo está relacionado ao próprio avanço da financeirização do território e da população brasileira; o qual se dá, por sua vez, sobretudo através da banalização do crédito e do estímulo ao consumo pelo mercado, abarcando todas as faixas de renda e se capilarizando mesmo nas localidades mais periféricas das cidades.

Diante da chegada dos nexos da globalização, a cidade de Belém reafirma, ao lado de Manaus, seu caráter de centro regional na rede urbana amazônica (TRINDADE JÚNIOR, 1998). A modernização de Belém tem se dado especialmente através da renovação de algumas parcelas de seu meio construído – ainda que a distribuição dos equipamentos urbanos se mantenha altamente desigual – e pela maior penetração do capital estrangeiro em diversas atividades manufatureiras regionais (TRINDADE JÚNIOR, 1997, p.74).

Contudo, Belém aparece atualmente como uma das metrópoles mais pobres do Brasil: a proporção de seus domicílios com renda per capita até ½ salário mínimo supera 30% (IBGE, 2006). E uma vez que pobreza e circuito inferior são sinônimos (SANTOS, 1978), essa grande concentração de pobres na cidade implica a presença de um intenso circuito inferior.

Uma especificidade do circuito inferior em Belém diz respeito à participação dos pequenos negócios e atividades pouco capitalizadas em circuitos espaciais de produção dos artigos típicos da região amazônica. Esta característica revela-se, por exemplo, no Mercado Ver-o-Peso, principal ponto de abastecimento dos feirantes da cidade. Presentes em diversos pontos da cidade, as feiras permanentes configuram outra especificidade deste circuito em Belém e destacam-se enquanto estratégia de sobrevivência para parte da população de baixa renda da cidade.

O Mercado Ver-o-Peso concentra vendedores de açaí, castanha, frutas, tucupi, farinha de açaí, peixes, ingredientes e temperos regionais, artesanatos regionais, pequenos quiosques de alimentação que vendem comidas típicas como o tacacá e a maniçoba, além de vendedores de artigos “industrializados”. Os peixes, frutas, legumes e verduras aí vendidos são, em grande parte, comprados na Feira do Açaí, pequeno porto ao lado do mercado. Estes artigos provêm sobretudo das ilhas que conformam o município de Belém, de outros municípios próximos e da Ilha de Marajó.

A venda de alimentos regionais, muitas vezes vindos das ilhas próximas a Belém, nos revelam, em especial, situações geográficas específicas de atividades do circuito inferior que ainda estão mais integradas em círculos espaciais de produção de alcance regional e seguem se valendo de técnicas menos modernas nos processos de produção, circulação, distribuição e consumo. Já os vendedores de artigos industrializados, como os vendedores de camisas de time de futebol, por exemplo, tendem a participar de circuitos espaciais de produção e de círculos de cooperação mais

amplios, e a fazer um uso mais intenso das variáveis do período, como da publicidade e das finanças. As camisas vendidas no Ver-o-Peso vêm tanto do próprio Estado de Belém, como do Ceará e de São Paulo. Contudo, mesmo no caso da venda dos produtos alimentícios e dos artesanatos, já verificamos uma certa “invasão” das variáveis do período da globalização, haja vista o fato de muitos quiosques aceitarem cartões de crédito e de débito como forma de pagamento, ou seja, verifica-se aí também neste caso o avanço do processo de financeirização do consumo popular.

O Porto do Açaí, localizado no bairro do Jurunas, conforma outra situação geográfica que nos permite analisar como os agentes do circuito inferior de Belém participam de um circuito espacial de produção regional, no caso do açaí e de seus derivados. Este porto constitui o principal ponto de escoamento e comercialização para onde muitos barcos trazem o açaí em grande quantidade de outros municípios e ilhas próximos a Belém, como Muaná e Abaetuba.

O circuito de produção e comercialização do açaí envolve uma intensa divisão do trabalho entre os agentes envolvidos nessa cadeia produtiva: peconheiros (trabalhadores que colhem o açaí do açazeiro), produtores, atravessadores, marreteiros (negociantes), carregadores portuários, maqueiros e feirantes. Deste modo, podemos considerar que o circuito espacial de produção do açaí entrelaça-se com o circuito inferior da economia urbana que se desenvolve em torno deste produto. Uma vez que quando o açaí chega ao porto da cidade, implica a realização de uma série de tarefas efetuadas com baixíssimos níveis de capital, organização e técnica, pelos agentes do circuito inferior da economia urbana como marreteiros (negociantes), carregadores portuários, maqueiros (aqueles que batem o açaí para vender sua polpa), feirantes; além da realização de pequenos serviços, como o conserto das máquinas de bater açaí e o reparo das pequenas embarcações. Este fracionamento extremo das atividades constitui, aliás, uma das características basilares do circuito inferior.

Considerações Finais

A partir da análise de diferentes situações geográficas nas metrópoles brasileiras buscamos mostrar como os seus respectivos circuitos inferiores abrigam conteúdos distintos e semelhantes, uma vez que conformam combinações particulares entre os dados do lugar, da formação socioespacial e do mundo.

Ao pensarmos as relações do circuito inferior com as variáveis-chave do período da globalização, a indagação pela técnica se tornou especialmente esclarecedora, posto que esta decorre da “(...) dialética entre as necessidades próprias de uma situação geográfica e as soluções disponíveis no mundo nesse período (...)” (SILVEIRA, 2000, p.213). Nesse sentido, a reflexão sobre a técnica em diferentes situações geográficas representou um caminho de método para vermos “(...) o movimento conjunto e permanente dos sistemas de objetos e dos sistemas de ação” (SILVEIRA, 1999, p.26).

Diante da velocidade assumida pelo progresso técnico no período atual, o processo de incorporação não só das técnicas materiais, mas também das variáveis imateriais do período, pelos agentes não-hegemônicos se torna mais acelerado, ainda que a presença de técnicas oriundas de divisões do trabalho anteriores entre eles seja predominante. Conformam-se assim, no período atual, um uso combinado das técnicas do “futuro” e do “passado” pelos pobres. Pois enquanto as técnicas representantes de um futuro modernizante se expandem em todas as direções, “(...) o passado não se encontra ultrapassado, mas retomado, repetido, envolvido, protegido, re combinado, reinterpretado e refeito” (LATOURETTE, 1994, p.74). Cabe atentar, nesse sentido, igualmente à questão da organização, pois na medida em que o sistema técnico atual se

banaliza, enquanto manifestação da unicidade técnica (SANTOS, 1996), o grau de organização embutido nas técnicas adotadas pelos circuitos tende a se diferenciar cada vez mais (SILVEIRA, 2007b).

O novo no circuito inferior se estende, contudo, para além da técnica. Conforme procuramos mostrar, a economia pobre encontra-se igualmente permeada pelas demais variáveis-chave da globalização – o consumo, a informação, a publicidade e as finanças – participando ativamente, ainda que de forma subordinada, do período atual.

Não obstante, embora possamos afirmar que haja, de fato, um uso crescente das variáveis-chave da globalização por parte dos agentes do circuito inferior, acreditamos que este processo deva ser visto de forma contraditória. Pois se, por um lado, as situações geográficas analisadas nos revelam diferentes formas de incorporação destas variáveis pela economia pobre, as quais se dão muitas vezes através de usos extremamente criativos; por outro lado, tal assimilação não deixa de estar combinada a diferentes estratégias de resistência a essa mesma penetração e à própria impossibilidade de acompanhar o passo da modernização atual. Conforme nos ensina Silveira (1999, p.26), as situações conformam “a criação e recriação da contradição num contexto” ao combinar pares dialéticos que renovam suas formas de oposição a cada momento e a cada situação, como, por exemplo, a incorporação e a resistência às variáveis determinantes de um período. Por outro lado, a modernização contemporânea implica uma criação e recriação de modernidades e obsolescências que se tornam cada vez mais velozes, provocando, ao mesmo passo, a ampliação da distância entre os circuitos da economia urbana

Revela-se aí como o circuito inferior se torna mais complexo nos dias de hoje ao combinar estratégias de resistência e de adaptação aos nexos da modernização que definem o período atual. Por conseguinte, acreditamos que o circuito inferior possa ser compreendido como as formas de trabalho urbanas assumidas pela pobreza, formas que se multiplicam e se diversificam, resistem e se adaptam às variáveis da globalização (MONTENEGRO, 2006).

No período atual, a lógica de um mercado global e de seus vetores de modernização se faz cada vez mais presente no território brasileiro. Cabe, todavia, compreender igualmente a multiplicação e a renovação dos resultados indiretos desse processo de modernização pelo qual passa o país atualmente. Acreditamos assim que a compreensão dos processos que permeiam o circuito inferior nas grandes cidades ajudar-nos-ia a ampliar nosso conhecimento geográfico a respeito do território brasileiro no período atual, assim como a apreender o “existencialismo territorial” (SANTOS, 2000) da população pobre de suas metrópoles, ou seja, a compreender a própria busca da sobrevivência a partir dos lugares.

Bibliografia

- DAMASCENO, C. M. C. Fortaleza, o significado do centro para a cidade. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- DANTAS, E. W. C. Imaginário social nordestino e políticas de desenvolvimento do turismo no Nordeste brasileiro. Revista Geosp, São Paulo, v. 22, p. 9-30, 2007.
- GAUDIN, T. L'écoute des silences, les institutions contre l'innovation?. Paris, Union, 1978.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 1995, 2003, 2006.

LATOURE, B. Jamais fomos modernos : Ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.

LAVEDAN, P (1936). Géographie des Villes. Paris, Gallimard, 1959.

LIMA, P. e GUILHOTO, J. Relações econômicas do Ceará e os principais setores geradores de emprego e renda na economia no Estado. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.35, jan/mar, p.111-126, 2004.

MONTENEGRO, M. R. O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PAVIANI, A. Brasília, a metrópole em crise. Ensaio sobre urbanização. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1989.

PAVIANI, A. Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise. Revista Território, Rio de Janeiro, ano VII, ns. 11, 12 e 13 – set-out, p.63-76, 2003.

SANTOS, M. L'espace partagé. Les deux circuits de l'économie urbaine des pays sous-développés. Paris: M.-Th. Génin, Librairies Techniques, 1975.

_____. O Espaço Dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

_____. A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Por uma outra globalização. Do pensamento Único à Consciência Universal. Rio de Janeiro, Record, 2000.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro, Record, 2001.

SASSEN, S. El reposicionamiento de las ciudades y regiones urbanas en la economía global: ampliando las opciones de políticas y gobernanza. Revista Eure, Santiago de Chile, vol. XXXIII, nº 100, p. 9-34, 2007.

SILVA, J. B. da. Movimentos sociais populares em Fortaleza: uma abordagem geográfica. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

SILVEIRA, M. L. Uma Situação Geográfica: Do Método à Metodologia. Revista Território, Rio de Janeiro, n. 6, p. 21-28, 1999.

_____. Indagando as técnicas...um caminho para entender o território. In Gonçalves, N. M. S., SILVA, M. A.; LAGE, C. S. (Org.). Os lugares do mundo. A globalização dos lugares. 1 ed. Salvador, Universidade Federal da Bahia, p. 213-218, 2000.

_____. Por que há tantas desigualdades sociais no Brasil? Um panorama da riqueza e da pobreza brasileira. In: ALBUQUERQUE, E. S. (Org.). Que país é esse? Pensando o Brasil contemporâneo. São Paulo, Editora Globo, p. 141-169, 2006.

_____. Confines de la racionalidad: el espacio geográfico contemporáneo. Texto apresentado no XI Encontro de Geógrafos da América Latina, Bogotá D.C, 2007a.

_____. Crises e Paradoxos da Cidade Contemporânea: os Circuitos da Economia Urbana. Texto apresentado no X Simpósio Nacional de Geografia Urbana, CD-R, Florianópolis, 2007b.

TRINDADE JÚNIOR, S-C. C. Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém. Belém, UFA/ NAEA/ PLADES, 1997.

_____. A cidade dispersa: os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

VESENTINI, J. W. A Capital da geopolítica. São Paulo: Editora Ática, 1986.